

ASCENSÃO

Classe média vira maioria no Brasil

Pela primeira vez, as famílias com renda entre R\$ 1.126 e R\$ 4.854 são mais da metade (50,5%) da população, segundo pesquisa da Fundação Getulio Vargas, graças ao ingresso de 30 milhões de pessoas nessa faixa de 2003 a 2009.

PÁGINA 13

CLASSE MÉDIA JÁ É MAIORIA NO BRASIL

Estudo da Fundação Getulio Vargas mostra que os não-pobres, mas também não-ricos, já somam 50,5% da população. Em 1992, essa faixa representava apenas um terço do total

SANDRA KIEFER

Se a pergunta “que país é este?”, refrão da música da banda de rock Legião Urbana, voltasse a ser feita no contexto de hoje, uma opção de resposta poderia ser: o Brasil já é um país de classe média. Pela primeira vez, o número de pessoas com renda de R\$ 1.126 a R\$ 4.854 atingiu a maioria da população brasileira. Com 94,9 milhões de pessoas, a chamada nova classe média (NCM), que para alguns corresponderia à classe média baixa, responde por 50,5% do total nacional. É o que mostra a pesquisa A nova classe média: o

lado brilhante dos pobres, divulgada ontem pela Fundação Getulio Vargas (FGV).

Entre 2003 e 2009, quase 30 milhões de pessoas ingressaram na emergente classe média. Em 1992, essa faixa de renda representava apenas um terço da população. Chegou a 37% do bolo com a estabilidade trazida pelo Plano Real, índice que permaneceu até 2003. Atingiu agora a marca de mais de 50%, evoluindo em relação aos 49,2% registrados no ano passado, segundo os últimos dados da Pes-

quisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a evolução da classe C foi ainda maior – saiu de um patamar anterior a 40,7% em 2002 e passou a participar com 53,9% em 2008.

"A grande novidade é que a verdadeira classe média já produz mais do que consome", afirma o economista Marcelo Neri, coordenador da pesquisa pela FGV. Ele explica que, de 2003 a 2009, o índice de geração de renda da classe média subiu 31,2%, enquanto que, no mesmo período, o índice de potencial de consumo foi de 22,6%. Segundo Neri, isso significa que o movimento é sustentável. "Não quer dizer que os pobres estão apenas consumindo mais ou têm mais acesso ao crédito e a programas sociais. O Brasil está chegando mais ao mercado de trabalho, aos bancos da faculdade e investindo em computadores. Por se mostrar sustentável, o fenômeno tende a continuar crescendo", completa.

Em relação à confusão existente entre os conceitos de classe C e de classe

média, especialmente da parte da chamada classe média formadora de opinião, Neri defende a tese de que a classe C é a central, abaixo da A e B e acima da D e E. "Alguns olham para a nossa classe C e enxergam como média baixa e para a classe B e enxergam como média alta. O mais importante é saber que a C é a imagem mais próxima da sociedade brasileira atualmente, pois auferir a renda média da sociedade, ou seja, é mediana também no sentido estatístico", compara. Segundo ele, a verdadeira classe média brasileira está compreendida entre os imediatamente acima dos 50% mais pobres e os 10% mais ricos na virada do século. "A classe média mais rica não é afetada pelo crescimento da C. Ao contrário, a parcela da classe C subiu 22,8% de abril de 2004 a abril de 2008. Nesse período, a classe A/B cresceu 33,6%", completa.

Segundo o pesquisador, a má notícia é que a desigualdade ainda é grande e precisaria continuar em queda por 25 anos para descer a zero, mas já conseguiu sete anos de avanço. Estudo ante-

rior elaborado por Neri já havia detectado a baixa da desigualdade e o avanço da classe C, mas apenas nas regiões metropolitanas do país. Segundo Neri, a classe C foi a que mais conseguiu se "defender" da crise financeira. Mesmo num ano com problemas, houve redução da desigualdade em 2009. Para ter ideia, a classe E encolheu 4,32% e a classe D reduziu-se 3%. "A crise atingiu mais fortemente os mais ricos. A base da pirâmide diminuiu e mais gente entrou na classe C, vinda de baixo, das classes D e E. Para a nova classe média, a crise não durou um ano e meio", completa.

"A classe média emergente vive uma fase de transição", alerta Erasmo Vieira, consultor financeiro pessoal. "É ótimo ter mais pessoas com mais dinheiro no país. Ao mesmo tempo, essa classe média em ascensão sofre a pressão do consumo, da oferta abundante de crédito e da facilidade em gastar dinheiro. Ao cair na tentação do consumismo, o nível de endividamento dos brasileiros é cada vez maior", diz. Em outras palavras, quem nunca comeu melado...





JACKSON ROMANELLI/EM/D A PRESS

CARRO NOVO

"Parece que hoje todo mundo tem casa, carro próprio e até empresa", diz a vendedora Maria Aparecida de Jesus, de 43 anos, que mora em imóvel próprio no Bairro Santa Amélia, na Região da Pampulha, em Belo Horizonte. Vinda de uma família de 14 filhos da zona rural de São Gotardo, no interior de Minas, ela se orgulha de ter os três filhos na faculdade. Enquanto a mãe concluiu somente o ensino médio, os filhos cursaram computação, meio ambiente e jornalismo. O mais velho, Alexandre (foto, ao lado de Maria Aparecida), de 30 anos, planeja trocar de carro no fim do ano.



ALEXANDRE GUZANCHI/EM/D.A PRESS

PRAIA DUAS VEZES

A manicure Darlene Maria de Sousa **(foto)**, de 43 anos, passou oito anos sem conseguir viajar. Este ano, já esteve em Caldas Novas (Goiás) e foi duas vezes à praia, no Espírito Santo, onde alugou uma casa com parentes. Por mês, a família dela tira em torno de sete salários mínimos, juntando a renda do marido frentista e do filho único. Aos 22 anos, ele estuda computação e já trabalha no ramo. Está empregado em uma grande empresa de informática, com salário mensal de R\$ 1,4 mil. "Com certeza, a vida está melhor. Sinto que já temos mais oportunidades", comemora.